

SESSÕES DO PLENÁRIO

17ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 16 de abril de 2018.

PRESIDENTE: DEPUTADO BIRA CORÔA LULA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem ao Dia Internacional da Luta Camponesa e em memória aos 22 anos do Massacre de Eldorado dos Carajás, proposta pelo deputado que vos fala, mas especialmente acatando a mais uma ação do MST, a qual aproveito sempre para agradecer pela referência e pela confiança deste mandato estar representando uma data tão simbólica e tão estratégica para as nossas lutas.

Neste momento, convido para compor a nossa Mesa, o Sr. Marivaldo Oliveira Dias, assessor especial da Secretaria de Relações Institucionais, neste ato representando o governo do estado da Bahia; a Sr.^a Djacira Araújo, coordenadora da educação, da direção estadual do MST; o Sr. Tássio Brito, chefe do gabinete do deputado Federal Valmir Assunção; e a Sr.^a Itana Suzart, representante do Levante Popular da Juventude.

Convido a todos para ficarmos de pé e fazermos 1 minuto de silêncio em memória de João Del Rosário, pai da liderança... Lucinéia, que muita representa o nosso movimento.

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Como é do rito, a gente abre com a palavra do proponente desta sessão. Mas eu quero, antes de mais nada, destacar que o proponente desta sessão são vocês, trabalhadores e trabalhadoras, companheiros e companheiras, militantes de uma causa em busca de uma reparação que o estado brasileiro deve ao povo brasileiro há quase 500 anos.

A luta pela terra não é um privilégio de alguns, ela é um direito que o estado precisa reconhecer. O homem e a mulher que na terra vivem e da terra produzem têm que ter o direito à titulação da sua propriedade.

Assim como as terras neste país foram usurpadas pela grilagem e, muitas delas, disputadas e tomadas à força – a gente costuma dizer: a ferro e à força –, pela imposição do monopólio, especialmente do grande latifúndio neste país, e conduzida também pela especulação imobiliária, entre outros interesses que podíamos destacar.

A reforma agrária é a base da consolidação de uma sociedade mais justa, mais igualitária e inclusiva.

E são vocês, defensores de uma causa, que enfrentam as violências que, no cotidiano, pela consciência e movidos pela necessidade e pela força da organização, têm colocado em muitos momentos no debate, na pauta e na ordem do dia dos governos, consequentemente do estado brasileiro, a necessidade de ter a reforma agrária como ponto fundamental.

Estamos, sem dúvida alguma, num ano que consideramos estratégico, porque é um ano eleitoral, um ano em que a sociedade brasileira vai ter a oportunidade de, mais uma vez, indicar o seu representante, no plano federal, como o presidente ou a presidenta da República; no plano estadual, como governadores dos diversos estados, inclusive aqui na nossa Bahia; também a eleição na Câmara Federal, com os deputados e deputadas federais; no Senado; e nos estados, nas câmaras estaduais, nas assembleias.

Então, é um momento em que também estamos enfrentando o pior das condições sociais, políticas e econômicas do povo brasileiro, porque estamos sob o efeito de um golpe; um golpe que extraiu direitos constitucionais de trabalhadores e trabalhadoras; um golpe que ao retirar a presidenta eleita pelo povo brasileiro, rasgou e feriu a democracia e o poder de ação do povo.

Mas também na sua extensão, não apenas satisfeito com a retirada da presidenta, implementou todo um processo de reforma e transformações que extraem direitos, rasgando a legislação trabalhista, pondo fim a CLT, como garantia do trabalho; decretou a extinção da Justiça do Trabalho que, consequentemente, atenta contra os interesses da classe trabalhadora, retornando à época colonial a condição do trabalho no Brasil e devolvendo a possibilidade de regulamentação do trabalho escravo.

Assim também com outras reformas, como a da Previdência, que apenas entra no processo de retardar as suas ações, mas que não sai do cenário, que tira direitos constitucionais de gozo da aposentadoria e dos benefícios assim conduzidos. Mas também se estende na condição de impedir que a maior liderança política do século XXI, despontada no mundo, o nosso sempre presidente Luiz Inácio Lula da Silva, possa concorrer às eleições na condição de presidente, atendendo ao chamado e à vontade da maioria da população brasileira; estipulando a Luiz Inácio Lula da Silva não apenas a criminalização, mas a prisão, na perspectiva de impedir que ele possa disputar o pleito eleitoral.

E aqui não poderia deixar de pedir licença ao MST para abrir esta sessão... Muito antes até de me reportar ao que nos traz aqui, aos 22 anos em que temos como marca profunda a perda de 19 companheiros e companheiras, da luta de mais de 65 companheiros vitimados pela violência e pela agressão... E podíamos listar aqui

diversos companheiros e companheiras que em outros episódios também foram vitimados, que derramaram sangue, suor e lágrimas; das famílias que ainda padecem pela falta e pela ausência dos seus; dos nossos companheiros e companheiras que tombaram pela fortaleza dessa luta; e pela resistência e pela luta acima de tudo.

Não poderíamos deixar de destacar que esse ato é também um ato de enfrentamento a um governo golpista que impõe, através da condução do nosso país, a extração dos nossos direitos. Sei que, como Partido dos Trabalhadores, devemos muito, muito a essa luta, porque não fizemos o dever de casa de consolidar as reformas e, acima de tudo, não colocamos como pauta prioritária a reforma agrária.

Mas também temos a consciência de que tínhamos um processo de diálogo, de (inaudível) e de respeito aos movimentos, que esse governo que aí está não tem; de compromissos ideológicos, que são antagônicos aos compromissos ideológicos hoje defendidos pelo governo, eu que chamo de governo imposto ou fruto de um governo golpista que atende aos interesses da elite burguesa desse país, que atende os interesses do capital internacional e do capitalismo internacional, em detrimento aos benefícios, ações e políticas afirmativas que foram implementadas durante os governos de Lula e Dilma.

Mas quero me reportar que a condição de Lula estar hoje preso, não é pelos seus erros, e todos nós temos consciência que ele não errou, de que ele não errou e não se apoderou de bens privados ou públicos, o que ele responde hoje é exatamente pelos acertos, é por ter proporcionado a este país, pela primeira vez na sua história, a condição de sentar à mesa das maiores potências do mundo com o poder de decisão, de levar o país a ser reconhecido como o país de maior ascensão social e econômica no combate à fome, no direito à moradia, na valorização e no empreendimento no campo, assim como na cidade, e consequentemente produzindo ações que permitem que nos próximos períodos a gente possa fazer um enfrentamento diferenciado, a exemplo do próprio movimento MST – de que garotos e garotas, negros como a maioria de nós, oriundos de famílias operárias do campo, na sua grande maioria, estejam hoje nas universidades, graduando ou pós-graduando, para estarmos preparados para enfrentar a condução das diversas instâncias de poderes e determinações deste país –. Então, esses são, sem dúvidas, os crimes cometidos por Lula e Dilma.

Então, queria abrir dizendo que a nossa bandeira maior, junto a todos os movimentos, é Lula livre e Lula pronto para disputar as eleições. Porque democracia e estado democrático significa respeitar o direito da sociedade e o direito do povo, e não manobras por parte de um setor podre do Judiciário, dentro da conivência e das ações produzidas pela grande mídia para atender a uma elite burguesa e consequentemente sufocar a vontade popular.

Então, queria abrir pedindo licença a todos e todas para dizer: Lula livre e Lula presente. (Palmas)

(O Plenário se manifesta: “Lula guerreiro do povo brasileiro!”)

Obrigado aos companheiros e companheiras.

Quero convidar para compor a Mesa o senhor representante da Sepromi, Raimundo Bujão. Quero pedir desculpas a Bujão por não ter o convidado antes, é porque a gente estava aguardando a nossa secretária. Mas também dizer que pela organização desta sessão foi combinado que, também como extensão dos nossos sentimentos de pesar pela passagem dessa vida de João Del Rosário, nós não iremos cumprir o que é sempre um rito do MST, não é isso mesmo? Sempre um rito, um dos momentos mais esperados e mais importantes. A gente vai ficar nos nossos sentimentos e vontades, e não por menos dizer que é parte também das nossas lutas compreender e externar os nossos sentimentos pelos nossos, por aqueles que dão contribuições para a nossa existência, mas que simbolicamente representam uma resistência. Então, queria, mais uma vez, pedir uma salva de palmas para João Del Rosário. (Palmas.)

Vamos passar a palavra aos membros da Mesa e, em seguida, a gente abre, se necessário, ao Plenário.

Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):-Convido para fazer uso da palavra a Sr.^a Djacira Araújo, da direção estadual do MST. (Palmas.)

Fazer uso, Djacira. Esta Casa tem que ser apoderada pelo movimento..Espero que esta Casa tenha, muito em breve, de volta um representante desse movimento para fazer força na nossa fileira.

A Sr.^a DJACIRA ARAÚJO:- Bom dia a todos e todas. Eu gostaria inicialmente de saudar a Mesa na pessoa do deputado Bira, que abre as portas da Assembleia Legislativa para esse debate fundamental que é a questão, neste momento político, do que é a reforma agrária, do que é a criminalização que estamos sofrendo neste país, do que é a violência, que é uma característica das forças retrógradas, conservadoras, escravagistas, que sempre atuaram no campo brasileiro.

Também queria justificar, mais uma vez, a ausência da companheira Dulcinéia, nossa dirigente nacional do MST, em razão da perda familiar, ela não pôde estar presente neste momento, motivo pelo qual eu estou aqui represento, nesta plenária, a direção estadual do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Queria também, especialmente, saudar os meus companheiros e companheiras do movimento aqui presentes, incansáveis lutadores por justiça, por dignidade, por direito no campo, na Bahia e também no Brasil. Neste momento em que todos os trabalhadores rurais sem terra se mobilizam neste território brasileiro, na grande jornada de lutas que celebramos, infelizmente é um momento de lembrar a violência, as chacinas, as

repressões que estão sendo cada vez mais incrementadas no campo. Nós hoje temos aqui, nesta sessão, o objetivo de lembrar e não deixar esquecer, na memória do povo brasileiro, o que é a violência que é desencadeada nesta sociedade brasileira fruto da contradição histórica de um país de dimensão gigante, de dimensão continental não realizar a reforma agrária. É um país que se porta como uma colônia até os dias atuais, entregando nossas riquezas, nossas terras, violentando os nossos trabalhadores, nossos indígenas, nossos quilombolas e toda a população do campo.

Nós não podemos esquecer, não podemos deixar isso esquecido na memória.

Queria recolocar aqui que nós, a Bahia, não somos muito diferentes, e nos últimos... nessa era Temer, nesse pouco tempo de desgoverno da era Temer, o cenário do campo está cada vez mais se caracterizando pelo aumento da criminalização, da violência e dos assassinatos.

Não poderíamos deixar de dizer que em 2017 estive de volta a velha e tradicional forma com que sempre se tentou resolver os conflitos agrários no campo, que são as chacinas. E aqui, na Bahia, tivemos no mês de agosto de 2017 o assassinato, a chacina dos quilombolas do Quilombo Iuna, em Lençóis, na Chapada Diamantina. E várias outras. A Bahia é, hoje, o marco das chacinas, também, contra os quilombolas.

E por que isso? Porque durante a era dos governos Dilma e Lula havia em curso uma política de demarcação dos territórios quilombolas e indígenas, e tivemos alguns ganhos sociais. E como foi bem lembrado, esse acirramento da violência, essa volta aos velhos métodos de criminalização, de repressão, de assassinatos dos trabalhadores tem como cúmplice o Estado brasileiro, seja pela impunidade, principalmente pelas forças judiciárias, que se postam, hoje, como divindades acima do povo.

Mas a gente sabe que a Justiça neste país sempre foi uma injustiça para os pobres. Não é à toa que as primeiras universidades instaladas no Brasil foram as para formar juristas de Direito, filhos da burguesia, durante o processo colonial para emplacar leis para defender os direitos da Coroa, os direitos dos latifundiários, os direitos dos capitães hereditários.

Até hoje neste país é um resquício essa violência, essa vergonha social de termos um país rico, de termos terra abundante, de termos mão de obra farta e de termos uma população cada vez mais marginalizada, sofrida, espremida, expulsa para os grandes centros, para as periferias, onde também vão encontrar enorme carga de violência, de marginalização, de falta de condições de vida.

Então, nós queríamos lembrar neste momento, e refirmar isso, que nos anos de 2017 e 2018 estamos cada vez mais vivendo o que nós, hoje, estamos chamando, na sociedade brasileira, de uma democracia incipiente. Tivemos aqui mais de 20 anos de chumbo, de ditadura militar, mas tivemos, durante o processo, avanço nesses 20

anos de lutas, de conquistas. E todos esses direitos estão sendo retirados, inclusive com a nova lei de regularização fundiária, que é a privatização da reforma agrária. É a volta, cada vez mais crescente, dos grandes monopólios e também a estrangeirização da terra.

E nós, do movimento, já dissemos que vamos responder. A nossa justiça será feita, porque cada terra que for liberada a estrangeiro neste país será a primeira que devemos ocupar. A nossa justiça será feita, respondendo ao assassinato do companheiro Márcio Matos no dia 24 de janeiro, crime até agora impune, ocupando mais latifúndio nesta Bahia durante todo o tempo. E, agora, estamos em nossa jornada de luta nacional. E estamos realizando, durante todo este mês de abril, diversas ocupações no território da Bahia.

É nos organizando, lutando, assentando a nossa bandeira que vamos, também, responder que somos contra a criminalização, somos contra o partido jurídico seletivo que criminaliza a esquerda, que criminaliza as organizações que lutam, instrumentos fundamentais para a implantação da democracia num país em que sempre houve uma desigualdade social crescente.

São os movimentos sociais que, na forma da sua luta, recolocam em pauta na sociedade brasileira as injustiças e as desigualdades. É assim que tem sido a luta dos quilombolas, é assim que tem sido a luta dos indígenas, é assim que tem sido a luta dos sem-terra no campo.

E estamos vivendo um momento de acirramento, um momento de maior criminalização, um momento em que estão sendo assassinadas, paulatinamente, as lideranças sociais. Sem dúvida nenhuma, é um país que marcha para uma repressão cada vez mais crescente, um país que marcha cada vez mais para o aumento da violência, aumento da criminalização da luta, do protesto das organizações sociais.

Mas se estão pensando que vão calar e vão tirar os passos dos trabalhadores de estar reconstruindo a sua dignidade, estão errados. Só há um jeito de acabar com os sem-terra nesse país, é acabar com os latifúndios. Esse é o único jeito e esse é o recado. E nós estamos dispostos a seguir em luta, a fincar a bandeira da reforma agrária popular em todo latifúndio, em todos esses projetos de morte. Porque são projetos de morte. São projetos que assassinam os trabalhadores do campo.

O projeto do agronegócio é um projeto de morte que envenena os nossos alimentos, que causa impactos ambientais na nossa sociedade. Como tivemos recentemente o impacto que causou no meio ambiente a empresa Samarco, de mineração, destruindo vidas, envenenando as águas, e esse povo não foi punido, não.

A agilidade que se tem neste país, com o discurso de que se está praticando justiça... mas não houve justiça para quem está cometendo e quem cometeu os maiores crimes ambientais neste país, como a empresa Samarco, com a poluição, com o maior desastre ambiental, como os crimes que estão sendo praticados aqui pelas

grandes empresas de mineração, que estão concentrando cada vez mais e poluindo o nosso meio ambiente, a nossa água, envenenando os nossos alimentos.

Então, a nossa resposta é: durante todo o mês de abril intensificar as nossas lutas, intensificar a mobilização social a partir dos acampamentos Lula Livre, em Curitiba, estão lá os companheiros. Lula é lutador do povo brasileiro. Lula está sendo criminalizado por defender a demarcação das terras quilombolas, pela abertura para que tivéssemos um Pronera mais intenso, com a escolarização no campo. O movimento que se encaminha hoje é para fechar as escolas no campo; é a reforma trabalhista que está, hoje, em curso que leva ao trabalho análogo ao trabalho escravo.

Então, o aumento da violência no campo na era Temer é consequência do desmonte das políticas sociais, das políticas no campo, é consequência da nova lei de reestruturação fundiária, é consequência da impunidade dos verdadeiros criminosos violentos no campo, que é o latifúndio, é o agronegócio, são as empresas que impactam em crimes ambientais. Também é consequência a aprovação do trabalho análogo ao trabalho escravo. Isso é consequência, sobretudo, da falta de um projeto de nação, da falta de um projeto popular para o Brasil.

E nós estaremos nas lutas, nas ruas, fazendo durante todo o mês de abril a grande jornada de luta dos sem-terra, ocupando e fazendo a denúncia da violência e do crime do latifúndio. Estaremos em nosso acampamento em Brasília na grande jornada de luta. E estamos dispostos, os trabalhadores sem-terra que estão em Curitiba, mobilizados com os outros trabalhadores, a seguir organizando o povo brasileiro no grande congresso do povo.

Também só sairemos de Curitiba com a libertação do nosso companheiro, maior líder popular, maior líder da esquerda neste país e o melhor presidente que este país já teve, o nosso grande companheiro Luiz Inácio Lula da Silva, que, com certeza, está sendo vítima de um processo que pretende retirá-lo da disputa legítima de um processo eleitoral, que é parte da democracia neste país, de um processo que tende a humilhar, difamar a imagem – é assim que eles estão tentando –, aniquilar as perspectivas de luta e o debate de projeto, porque eles não têm resposta para os problemas do povo brasileiro.

Porque esse capitalismo e os seus representantes, a Bancada da Bala, que está lá, na Assembleia, o seu projeto é um projeto de morte, é um projeto de retirar direitos e jogar, cada vez mais, a crise do capital sobre os ombros dos trabalhadores.

E nós responderemos em luta, nós responderemos defendendo e denunciando essa prisão injusta. E denunciaremos levando e andando com o nosso companheiro Luiz Inácio Lula da Silva, que é, realmente, quem o povo brasileiro, quem a classe trabalhadora já escolheu para ser o presidente deste país, conforme todas as pesquisas indicam. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Convido para fazer uso da palavra a Sr.^a Itana Suzart, representando o Levante Popular da Juventude. (Palmas)

Suzana, quero aproveitar para referendar algumas presenças aqui. Quero registrar a presença de Maria Flores, do Levante Popular da Juventude; Ueide Santos e Cláudia Ribeiro, da Associação de Pau da Lima; Vítor Alcântara, da direção nacional da Consulta Popular.

A gente cita mais algumas em breve.

A Sr.^a ITANA SUZART:- Bom dia a todos e a todas!

Na pessoa do proponente da sessão, deputado Bira Corôa, saúdo os demais membros dessa Mesa. Gostaria, também, de saudar os membros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra aqui presentes.

E trazer que o massacre de Eldorado dos Carajás representou o ataque da burguesia na tentativa de destruir uma colônia de militantes que a gente teve no MST. E cabe sempre lembrar a coragem e a rebeldia do MST em não se curvar diante de tamanha ameaça e, sim, transformar o luto em luta. Coisa que vira já uma tradição forte dentro do movimento. E que a gente, enquanto movimento de juventude da cidade, busca também aprender e seguir esse caminho.

Nós, do Levante, sabemos e aprendemos com o MST que as elites brasileiras não têm compromisso com o povo brasileiro, nem com um projeto de nação. E suas ações traduzem isso em cada dia, em cada ataque que sofremos. Cada ataque que a democracia brasileira sofre, essa falta de compromisso da elite com o povo brasileiro é traduzida. Ainda mais nesse cenário de golpe em que a gente se encontra.

Todos esses ataques à democracia atingem diretamente à nossa juventude no campo e na cidade. Uma juventude cheia de sonhos de vida, de planos, cheia de propósitos de querer construir uma vida inteira, um primeiro emprego, almejar entrar na universidade. E vemos tudo isso ser destruído dia a dia após esse golpe ter sido consolidado, e ainda está em curso de consolidação.

As elites nunca pararam de se movimentar e de buscar garantir as suas formas de dominação com uma ausência planejada de direitos. A lógica de que existe um inimigo a ser combatido. E para sua manutenção no poder intensifica a repressão física e ideológica contra o nosso povo. Todos e todas estamos vendo as intervenções militares acontecendo, as repressões pesadas às nossas manifestações. E já sabemos os propósitos da rede golpe de televisão, que não é em prol do povo brasileiro, não é em prol da classe trabalhadora.

Sem acesso a um plano de vida, a revolta só cresce. E o Levante organiza essa rebeldia com a juventude da cidade aliada à juventude do campo. E não é estranho

que nós também sejamos alvo do Estado, com extermínio da juventude negra que acontece no dia a dia do nosso país.

Aprendemos muito com o movimento e, assim como o MST, queremos também transformar o luto em luta. E cada dia mais trabalhar para transformar essa revolta em revolução.

A criminalização que a gente vê, hoje, do nosso presidente Luiz Inácio Lula da Silva, nesse momento histórico de golpe que a gente vive, é a criminalização de toda a esquerda brasileira e de todos os movimentos sociais. E é a tentativa de destruição de um projeto de conquistas concretas que tivemos nos últimos tempos. E cabe a nós, do campo e da cidade, a tarefa revolucionária de resistir e romper esse cerco de aniquilamento em que nos encontramos.

Pátria livre, venceremos! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Convido para fazer uso da palavra o Sr. Tássio Brito, chefe de gabinete do deputado federal Valmir Assunção. (Palmas)

O Sr. TÁSSIO BRITO:- Bom dia a todas e todos.

Queria saudar o nosso companheiro, deputado estadual pelo PT da Bahia, Bira Corôa. Bira que é um companheiro do Movimento Sem Terra, que ao longo de todo o seu mandato tem colocado em sua pauta a luta do povo sem-terra, bem como tem proporcionado aqui, nesta Assembleia Legislativa, essas sessões que nós fazemos todos os meses de abril em homenagem à luta dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais sem terra. Então, Bira, obrigado por mais uma vez estar recebendo o povo sem-terra aqui e por convidar o mandato do deputado Valmir Assunção.

Quero saudar o meu companheiro Marivaldo Dias, representante do governo do estado, da Secretaria de Relações Institucionais; saudar a minha companheira Djacira Araújo, que é da Coordenação de Educação do MST da Bahia; saudar a companheira Itana Suzart, que é do Levante Popular da Juventude; saudar o meu companheiro Raimundo Bujão, representando aqui a Sepromi; e todos e todas que estão aqui, hoje, neste ato.

Queria dizer que hoje é um momento de muita reflexão para a luta brasileira e para a luta da esquerda. Este ano é um ano muito triste, porque eu me acostumei a vir a Salvador para os atos e as sessões e ver daqui, desta tribuna, o meu companheiro Marcinho, o meu companheiro Márcio Matos, representando o Movimento dos Sem Terra, fazer as falas que muitas vezes nos encorajavam, que muitas vezes faziam o nosso olho brilhar e nos davam força para continuar a luta. Esta é a primeira sessão especial em que nós não temos a presença física do nosso companheiro Marcinho, do

nosso companheiro Márcio Matos, mas, com certeza, ele está nas nossas mentes e nos nossos corações.

Então, eu queria começar fazendo essa saudação muito especial para uma pessoa com quem eu aprendi muita coisa, e o admiro muito pela trajetória de vida que ele teve.

Segundo, dizer que é um ano em que também nós estamos enfrentando, talvez, o maior recrudescimento da luta popular por conta da perseguição que a direita tem imprimido. Desde que o governo golpista assumiu foram inúmeros assassinatos, foram inúmeras ações de violência contra o povo do campo, contra o povo da cidade e contra todos aqueles e aquelas que resolveram lutar para denunciar o que está acontecendo no Brasil. Foi Marcinho, foi Marielle, foram os companheiros quilombolas, outros companheiros sem terra. Inclusive na semana passada um companheiro do Psol também foi assassinado em Capim Grosso.

A gente percebe que isso é fruto da ânsia da direita por tomar o poder e nos aniquilar. A luta dos trabalhadores rurais sem terra muitas vezes nos dá ânimo, porque os sem terra, lá em 1996, enfrentavam uma conjuntura muito dura e muito difícil, de um governo neoliberal que não tinha nenhum tipo de complacência com os movimentos sociais e que executou um massacre de 19 companheiros em Eldorado dos Carajás. E nem isso foi capaz de fazer os sem terra baixarem a cabeça. Ao contrário, esse movimento se fortaleceu, esse movimento empunhou cada bandeira como se fosse os sonhos daqueles e daquelas que tombaram em Eldorado dos Carajás e fez com que isso se tornasse alimento para a nossa luta diária, que travamos todos os anos de lá até aqui.

Esse ano é um ano mais difícil porque a direita imprimiu um golpe em 2016, retirando uma presidenta eleita com 54 milhões de votos. Gente, se você perguntar na rua, as pessoas não sabem porque Dilma saiu. Esses dias eu estava em Barreiras, aí o cara falou assim: “Não, mas ela saiu porque cometeu um crime”. Eu: “Que crime ela cometeu?”. “Ah, pedaladas fiscais”. Eu: “E o que são pedaladas fiscais?”. “Bom, aí eu não sei, porque...”. “Não, você não sabe, mas está dizendo que ela cometeu um crime. Qual foi o crime? O que é que significam pedaladas fiscais? Você não pode simplesmente acusar uma pessoa se você nem sabe qual é o crime que ela cometeu, porque aí você está sendo injusto porque ninguém gostaria de ser acusado de um crime sem saber do que é que está sendo acusado.”

Então, as pessoas levadas pelo espírito da mídia golpista, uma parte das pessoas... porque a maior parte da população brasileira, é bom que digamos isso, a maior parte da população brasileira está conosco, está conosco. É papel nosso mobilizar essas pessoas, mas a maior parte das pessoas está conosco. Uma parte das outras pessoas ficou nessa de: Dilma cometeu uma pedalada fiscal. E hoje estão sofrendo na pele o que é esse governo golpista, que retira direitos dos trabalhadores,

que aprova, dia após dia, medidas que vão dificultar a vida do povo. Eles praticamente acabaram o “Luz para Todos”, eles praticamente acabaram o “Minha Casa, Minha Vida”, eles reduziram o Pronaf, eles reduziram a verba para aquisição de novas terras, eles reduziram o Pronera, eles acabaram, eles estão desmontando com todo o estado que o PT, ao longo dos 13 anos de governo, junto com os movimentos sociais, criou.

E aí, gente, é muito simples, nós temos que ter clareza na nossa avaliação: eles retiraram Dilma em 2016. Jamais eles retirariam Dilma para deixar Lula ser presidente em 2018. Lula está preso por um só motivo: porque ele ganha a eleição. Ele ganha a eleição, interrompe o pacote de maldades do governo golpista e coloca o povo no centro do governo de novo.

Eles têm ódio quando veem... Quem é mais velho aqui, eu sou novo, mas quem é mais velho aqui lembra: às vezes tinha 50 propriedades pequenas no caminho, o poste passava lá por cima para chegar à casa do coronel, mas era incapaz de botar luz, energia na casa dos pequenos agricultores.

Os caminhões passavam por dentro da terra dos pequenos agricultores para furar os poços artesianos, mas só furavam lá onde tinham os coronéis.

Crédito? O povo não podia passar nem na porta do banco. Onde já se viu o povo ter acesso a crédito? Com Lula, o povo teve acesso a crédito, a financiamento, comprou sua casa, equipou sua casa, comprou sua moto, comprou seu carro, comprou equipamentos para poder ajudar na sua produção.

É isso que eles não suportam. Eles não suportam, Maria, entrar num avião e te encontrar lá. Maria sem terra? O que é que Maria está aqui fazendo neste avião? Eles não suportam um negro sem terra, que estudou até a 8ª série – porque eles nunca priorizaram educação para o povo –, ser deputado federal como Valmir Assunção é.

Eles não toleram isso! Eles não toleram entrar na universidade e dar de frente com um negro ou uma negra da periferia ocupando uma vaga que historicamente foi deles. Porque, aqui para nós, cotas, gente, existe há muito tempo, todo mundo sabe. Filho de fazendeiro tinha cota na universidade pública para estudar agronomia ou veterinária.

Quantas vezes eles se insurgiram contra essa cota? Quantas vezes? Eles não são contra cotas. Eles são contra cotas para o povo negro, eles são contra cotas para o povo pobre. Porque quando entra lá, o cara não vai mais querer ser meu vaqueiro, não é? Ele vai querer ser meu veterinário. Ele não vai mais querer ser explorado, ele vai querer ser meu agrônomo. Como é que pode isso?

Isso, para eles, tinha que parar de um jeito ou de outro. E eles fizeram essa movimentação toda para que isso acabasse. Nós estamos numa quadra muito dura. Acho que é preciso reconhecer o momento, para enfrentar o momento. O nosso maior

líder está preso! Preso sem provas, preso por um crime que não cometeu e preso para impedir a sua participação política.

É verdade o que Lula disse: que ele já deixou de ser um ser humano e se transformou numa ideia. Mas nós não podemos deixar nossa ideia presa, nós temos que retirar nossa ideia da cadeia.

Nós temos que organizar o povo, temos que ir às favelas conversar com o povo, nós temos que ir ao campo conversar com o povo, temos que conversar, olho no olho, com as pessoas que foram beneficiadas pelo governo Lula. Não porque foram beneficiadas pelo governo Lula, mas porque elas precisam compreender que existem um projeto de governo que as coloca no centro e um projeto de governo que quer excluí-las.

Está na hora da gente defender o nosso projeto de governo. Porque o plano deles é para 20 anos. O plano deles não é para agora. Eles querem enterrar qualquer possibilidade nossa de chegar de novo à presidência da República por 20 anos, porque eles querem desmontar tudo que fizeram.

Olha a PEC do teto dos gastos o que é: uma emenda na Constituição que diz simplesmente que você não pode mais investir na saúde, investir na educação. Eles colocam um teto de investimento nesses setores. Ou seja, 20 anos! Não foram à toa 20 anos. Vinte anos é o plano de poder deles. E nós temos de ter o nosso plano de poder. E passa por sessões como essa, é verdade, porque nós precisamos lembrar e homenagear os nossos heróis e as nossas heroínas; passa pela organização popular nossa lá nos assentamentos, nos acampamentos, nos bairros, nas periferias, porque eles quando querem se organizam.

A direita foi para a Av. Paulista e colocou um bocado de gente lá contra a Dilma. Eu vou te falar uma coisa aqui: hoje, pesquisa *Datafolha*, última, que foi manipulada, inclusive, porque uma pesquisa em que todos os dados qualitativos apontam para um apoio à causa de Lula, mas a intenção de voto diz que Lula caiu um pouquinho e tal. Mas mesmo com o pouquinho que caiu, Bira, no segundo turno Lula chega a 61% dos votos válidos; 60% dos votos válidos; 58% dos votos válidos. Hoje nós temos no mínimo 55%, 58% da população brasileira que apoia o presidente Lula. Isso significa 110, 115 milhões de pessoas. Se 10% forem para a rua, a gente para esse Brasil. Eu estou falando de 10 milhões de pessoas, 8 milhões de pessoas, 5 milhões de pessoas. Aí, a nossa capacidade enquanto dirigentes políticos, enquanto militantes políticos, é que vai dizer se nós vamos fazer esse povo mobilizar ou não. E só com o povo nós podemos enfrentar.

O golpe no Brasil é bom porque eles dizem antes o que vão fazer. O Jucá antes de tudo já disse como era. A gente só tem o trabalho de olhar. “Tem um acordo nacional; já conversei com os generais, os chefes das Forças Armadas, está tudo certo com as Forças Armadas, eles vão bancar; já conversei com os ministros do Supremo,

eles dizem que com Dilma não dá, tem que tirar; vamos botar o Michel num grande acordão, estanca a sangria e para a Lava-Jato onde está.” Onde é que estava? PT, Lula, PT, Lula. Eles disseram tudo, já estava lá escancarado. Então, eles não têm nem a preocupação de depois desmentir ou não. Eles simplesmente manipulam, como fez a série norte-americana de pegar a palavra de Jucá, de estancar a sangria, e colocar na boca de Lula, como se Lula que tivesse falado isso.

Então, gente, eu queria deixar um abraço a todas e todos, deixar mais uma vez um abraço ao nosso companheiro Bira; dizer que é um orgulho para mim sempre estar representando o nosso companheiro Valmir Assunção, porque Valmir é a cara desse movimento, ele é fruto da ousadia desse movimento. Foi esse movimento que teve a ousadia, lá em 98, de dizer: a partir de agora o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra vai ter candidato, nós vamos votar em um igual a nós, nós não vamos votar mais em ninguém que não seja nosso e nós vamos eleger um nosso.

Perdemos em 98; perdemos em 2002, mas ficamos na primeira suplência; em 2006 vocês fizeram de Valmir o deputado mais votado da história do PT até aquele ano, com quase 70 mil votos. Em 2010, vocês fizeram Valmir um deputado federal com 133 mil votos, renovando esse mandato em 2014. Então é uma honra para mim, sempre, participar de espaços e eventos representando essa história política, porque é uma história política muito densa, muito profunda, de profundo enraizamento com o povo, de profunda ligação com vocês, de profunda ligação como a luta popular, com a luta da esquerda e com a luta do povo brasileiro.

Então, muito obrigado. Vida o MST! Viva Márcio Matos! Viva Marielle! Lula livre! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Quero sempre dizer, Tássio, que o MST é a maior referência de organização, de resistência e de luta do povo brasileiro. Se o PT conseguiu levar para o Brasil e para o mundo uma referência de gestão popular, de governos voltados para a reparação e para a inclusão, o MST nos é a grande escola de resistência e de luta. Nos é, acima de tudo, um referencial da necessidade da sociedade brasileira se reorganizar e lutar pelos seus direitos.

Então, queria aproveitar para, também, reafirmar a grande satisfação que tenho de poder ser parceiro do MST, parceiro dessa luta, e estar registrando nos anais desta Casa, mais uma vez, um ato importante como esta sessão, para configurar que este espaço, que é um espaço de fato e que deveria ser de direito... digo de fato porque quando ele foi concebido ela não pensou em incluir e nos permitir a ocupação deste espaço. A formação do Poder Legislativo se dá exatamente para atender aos interesses de uma mesma elite burguesa.

Sei que a minha estada aqui ainda é adversa ao modelo, à estrutura e à metodologia aos quais esta Casa foi formulada. Tive a oportunidade de ser parceiro e aprender muito com o companheiro Valmir Assunção. Quando aqui cheguei, como deputado, em 2007, Valmir ainda estava aqui nesta Casa com um grande mandato. Tive o privilégio de, ao lado de Valmir, vivenciar experiências importantes. Sou muito grato pela confiança de Valmir, que permitiu que eu conduzisse nesta Casa uma matéria de sua autoria, que destaca, hoje, a Bahia no cenário nacional, que é o Estatuto da Igualdade Racial e de Combate às Intolerâncias.

Tenho muita satisfação e muito orgulho de dizer que, em 2007, quando cheguei aqui, a matéria estava arquivada. Pela confiança de Valmir e dos movimentos sociais organizados, fui delegado com a responsabilidade de desarquivar e conduzir nesta Casa. Assim, também, agradeço muito ao governo do estado da Bahia, do governador Jaques Wagner ao governador Rui, pela cumplicidade e pelo compromisso de incorporar como matéria de governo, no momento em que as nossas condições de conduzir enquanto parlamentar ficavam com limitações. Tínhamos atribuições. Chegamos ao consenso de que não adiantava apenas fazer uma lei, mas ter a concepção de que essa lei pudesse ser executada. E para isso ela precisava ter reserva, ter fundo, ter recurso aplicado, ter garantias para a sua aplicação. E, exatamente, o Fundo de Combate à Pobreza era o aporte que precisávamos. O governo do estado incorporou a matéria e, através da Secretaria de Promoção da Igualdade – muito bem conduzida por também uma representante do MST, a nossa companheira presente sempre, hoje representada por Bujão –, encadeou e encaminhou e hoje temos o Estatuto da Igualdade Racial como um dos principais instrumentos da nossa identidade, das nossas lutas. Sejam assentados, acampados, sejam quilombolas, indígenas, ciganos, marisqueiras, pescadores, entre outros povos que compõem os povos e comunidades tradicionais.

Então é um grande marco para a nossa luta e para a conquista da luta popular no nosso estado. E aí eu queria aproveitar para, na deixa da sua fala, registrar a minha satisfação e o meu respeito ao nosso sempre representante Valmir Assunção, que nessa Casa deixou um ensinamento muito forte, combativo, presente nas ações e determinado nas suas convicções, que assim o faz na Câmara de Deputados.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Quero nesse momento conceder a palavra a Raimundo Bujão, representando nesse ato a Secretaria de Promoção da Igualdade. (Palmas)

O Sr. RAIMUNDO BUJÃO:- Bom dia a todos e todas. Quero em primeiro lugar saudar a Casa, na pessoa do deputado estadual Bira Corôa, justificar a ausência da nossa secretária Dr.^a Fábila Reis, que já estava em outra agenda com o governador e ficou impossibilitada de comparecer.

Quero saudar a Mesa nas figuras de Itana, Djacira, Marivaldo, nosso camarada Tássio, parceiro de longas datas, e dizer da minha satisfação em estar junto com vocês aqui do MST, todos e todas, nessa nossa longa trajetória em parceria. Costumo dizer que tenho uma satisfação especial com o MST da Bahia. Até porque conheço talvez quase todos os MSTs do Brasil e o MST da Bahia tem uma coisa de diferente: ele é majoritariamente negro. A população negra na Bahia é que comanda essa organização de extrema importância política para o estado.

Lembro que quando, nas primeiras incursões da MST para Salvador – a gente, na época estudando na Universidade Católica de Salvador, em meio a uma universidade particular, em meio a um monte de figuras não negras, classe média de Salvador –, eu percebia a raiva que eles tinham quando falava do MST. E o que nos conforta, na verdade, é compreender que é uma grande ignorância dessas pessoas, porque essas pessoas acham – porque sempre tiveram os privilégios – que elas são mais seres humanos do que a gente. E eles esquecem exatamente da coisa mais importante que o MST faz, que é produzir alimento de qualidade para colocar na mesa deles. Porque eles comem, bebem e não sabem de onde vem. E nem procuram saber, porque eles não têm sensibilidade.

Eu falava sempre na universidade que todos eles deveriam agradecer ao MST, porque se não fosse o MST e, no caso da Bahia, vocês teriam um monte de homens e mulheres a pedir esmola pelas ruas da cidade de Salvador. No entanto, eu dizia que eles, os trabalhadores do MST, dignamente, fazem a política de inclusão social e fazem a política da qualidade de vida; e vocês da cidade ignoram tais fatos por sua limitação da compreensão e por sua limitação da sensatez que, hoje e sempre, dominaram e dominam a sociedade brasileira.

Gente, esta Casa, hoje, está diferente, porque você tem um deputado estadual em uma população que, em sua maioria, é, majoritariamente, negra neste estado. São 63 cadeiras. E nós temos um deputado estadual. Nós precisamos mudar a cara desta Casa. E eles precisam entender que vocês, aí sentados, podem ser, amanhã, deputados estaduais também.

Digo isso porque é impossível em um estado onde a maioria da população negra chega a quase 70% e quando se olha para esta Assembleia, ela não se parece uma Assembleia da Bahia. Parece uma Assembleia de qualquer lugar, mas não da Bahia, porque a população negra ainda está numa condição de, apenas, eleger e não de ser eleita. Nós precisamos ter a coragem de colocar mulheres e homens negros para concorrer a este espaço, porque este espaço também nos pertence.

Acho importante, neste momento, ressaltar a trajetória do MST, porque ela é muito parecida com a luta do movimento negro. A nossa é uma luta que, felizmente, começa, só agora, a despertar nas pessoas o quanto a escravidão tem a ver com os nossos dias atuais. A sociedade, manipuladora através da mídia, conseguia achar que

a gente não deveria falar da escravidão, porque falar da escravidão é vergonhoso. Mas quem deveria ter vergonha de falar da escravidão são os senhores de engenhos, e não as vítimas que somos nós. Então, nós temos que dizer para constranger e desqualificar.

Tássio usou o exemplo no domingo retrasado quando o movimento fez uma caminhada pela liberdade de Lula na orla. Ao chegar a Itapuã, o bairro onde eu nasci, eu vi duas ou três pessoas fazendo sinal da grade com Lula e eu encostei. Não era nada mais nada menos do que os donos de um bar em Itapuã que eu conheço que é um bar que eles pegaram a terra na tora. Eles estavam chamando Lula de ladrão. Eu disse: “Eu não estou entendendo. Lula é ladrão?” Eles responderam: “É sim.” Afirmar: “Então vocês todos são ladrões. Vocês são os ladrões e não eu. Esta terra perto da praia, vocês compraram na mão de quem? Vocês invadiram! Então vocês são ladrões. Ladrões são vocês!”

Eu desmontei, emocionalmente, a mulher, o filho e o marido que era o dono do bar. Eu disse o seguinte: “Vocês roubaram essa terra aqui. Então vocês não podem falar de Lula!” Eles retrucaram: “Ah! Você vai preso!” Ainda afirmar: “Você prova que Lula é ladrão? Da mesma forma que você fala de Lula, eu possa falar que vocês são ladrões.”

Eu acho que nós temos que ir para cima. Não podemos recuar, porque, na verdade, a ousadia dos conservadores racistas brancos da direita é porque eles acham que nós não temos coragem de enfrentá-los. Mas temos que enfrentar, nós temos que enfrentar, porque, daqui para diante, só vai vencer quem for para a guerra. Não tem condição de a gente ficar aceitando.

Olha, vocês entendam uma coisa. Uma Secretaria de Promoção da Igualdade Racial só foi possível neste estado a partir do governo Wagner e do governo Rui Costa, porque este estado não admitia que as nossas políticas, as nossas lutas, as nossas conquistas pudessem se tornar em uma ação de governo e em uma ação de estado. Vocês sabem por quê? Porque eles são racistas. A sociedade brasileira é racista.

Nós precisamos desmontar esta tradição de um estado que acha que tudo é normal e que a religião fica manipulando as pessoas. Nós temos que guerrear. A Sepromi não existe, porque nós apenas ganhamos do governo do estado o que é nosso, este direito. Nós ganhamos porque fomos para a luta. Nós dissemos a Wagner que nós temos que botar uma secretaria para que as nossas políticas possam ser defendidas a partir da nossa linha de ação. E foi aí que nós conseguimos.

Depois, com a participação do deputado federal Valmir Assunção e com a continuidade de Bira Corôa, a gente conseguiu uma secretaria que é a única no Brasil, porque é a única que tem fundo para fazer política. Até o Estatuto da Igualdade Racial, em nível nacional, não tem fundo e é uma coisa inócua. Não existe nenhuma

política sem recurso, porque, sem recurso, a gente não muda de vida e a gente vai continuar sendo a mesma de sempre, ou seja, pessoas dependentes e carentes de um ou outro deputado que seja benevolente.

Nós precisamos de política de Estado. O Estado tem uma dívida com o Brasil. A lei da terra é de 1850. Até hoje, os poderosos continuam a partir dessa lei. São eles que dominam a terra. Quer dizer, o Brasil levou quase quatro séculos de escravidão, mais de 350 anos. E quando os senhores de engenho cansaram e quando a política externa impediu de continuar o comércio de escravos, a escravidão teve que ser extinta por interesses externos. O que eles fizeram conosco? Nem um pedaço de terra para a gente morar!

Por isso, hoje, nós temos, aí, um *deficit* habitacional muito grande, uma dificuldade. Se se vai ao interior, você percebe a miséria em que a gente vive. E se não fosse o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, tudo estaria muito pior.

Por isso, eu sempre digo que o MST é o responsável pela mudança da realidade do povo da Bahia, porque ele fez com que as pessoas saíssem de uma condição indigna para lutar por dignidade com dignidade e tem feito a política de mudar este estado, tornar este estado mais acessível, incluyente, um estado onde as pessoas possam viver.

Nós estamos, agora, com a nossa maior referência atrás das grades sem ter culpa nenhuma! Eles não entendem. Eles queriam que o Lula fosse igual a Fernando Henrique Cardoso, ter apartamento em Sorbonne, ter apartamento nos Estados Unidos, ter dinheiro no exterior.

Eles não viram nem um centavo de Lula no exterior! Mas, mesmo assim, eles prenderam Lula! Eles prenderam aquele que ousou dizer ser possível governar um país sem ter nível superior e ser melhor do que aqueles que se dizem intelectuais e que não sabem o que é a fome. Gente, quem não sabe o que é a fome não pode me representar. E, para mim, quem sabe muito bem disso é o MST.

Então, se é o MST a representação máxima de organização popular neste país, e vocês da Bahia representam, porque nós somos a maioria deste país, a população negra, é a partir da gente que a política tem que ser definida. É a partir da nossa compreensão e da nossa intervenção que a gente tem que fazer esta sociedade se modificar. Sem vocês, não seremos vitoriosos!

Viva o MST! Luta para sempre!

Obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra ao Sr. Marivaldo Oliveira Dias, assessor especial da Secretaria de Relações Institucionais que, neste ato, representa Rui Costa, governador do estado da Bahia. (Palmas)

O Sr. MARIVALDO OLIVEIRA DIAS:- Bom dia a todas. Bom dia a todos.

Companheiros do MST, quero saudar o nosso companheiro deputado Bira Corôa, responsável por esta sessão especial. E, por sua sensibilidade política, sem dúvida, ele é um dos principais deputados representantes da esquerda e da classe trabalhadora brasileira, particularmente dos trabalhadores baianos, um representante comprometido com os interesses das classes trabalhadoras deste País e do nosso Estado.

Gostaria de saudar o nosso companheiro Tássio Brito, líder e dirigente político, e assessor de um dos maiores líderes da história da classe trabalhadora, particularmente da classe trabalhadora camponesa que tem um papel importante na sua ação política do estado e, nacionalmente, por ser capaz de articular aquele grande sonho nosso, do povo brasileiro, do trabalhador, que é uma articulação entre o campo e a cidade. A sua importância também é porque precisamos de figuras e de lideranças que articulem uma aliança política entre os trabalhadores do campo e os trabalhadores da cidade.

Isso é uma necessidade para que a gente possa, de fato, enfrentar o nosso inimigo principal: o capital. Não é possível que essas discussões todas que estamos fazendo aqui, de debates sobre os interesses do capitalismo em contraposição aos interesses de quem produz o capital, que são os trabalhadores.

Quero saudar também Djacira, liderança, dirigente estadual do MST; Itana, representando o Levante Popular da Juventude; o nosso companheiro Raimundo Bujão, líder do Movimento Negro Unificado da Bahia e representando a Sepromi.

Este é um momento importante. Esta é uma data importante porque, aqui, neste momento, com certeza não só aqui, mas aqui neste momento, para nós, baianos e soteropolitanos, nós estamos no espaço do Legislativo do estado da Bahia a debater e a reviver a memória das lutas políticas e de classe quando foram vitimados 19 trabalhadores rurais em Eldorado dos Carajás no estado do Pará incluindo, evidentemente, a repressão que tirou as vidas daqueles trabalhadores.

Isso tem uma importância simbólica muito forte, porque isso impõe a todos os trabalhadores rurais e a todos os demais trabalhadores também urbanos que são vítimas da violência do capital e da violência militar, porque o trabalhador, vivendo nas periferias das grandes cidades, é também vítima do mesmo objeto que persegue o campo que é o capital.

A maioria desta juventude está pagando com a vida nas periferias, porque ela é acusada, inclusive, de ser solado do tráfico. Na verdade, eles são soldados da

sobrevivência. E a gente precisa avaliar isso com mais... Se está certo ou se está errado, isso é um outro problema. Mas isso é o que sobrou para eles. E eles são vítimas desse massacre aos negros e aos pobres nas periferias da cidade.

Então, este é um momento importante para a nossa reflexão. Aqui, a gente vai não só lembrar os nossos companheiros mas também simbolicamente estamos lembrando todos os companheiros que morreram durante 400 anos, durante todos os dias da história destes país. Então esta sessão tem este papel importante.

Nós estamos passando por um momento conjuntural muito difícil, pior do que há 10 anos, porque estamos em um momento em que conseguimos evoluir, avançar politicamente e fomos golpeados, um golpe em marcha que é, primeiro, desmoralizar politicamente a classe trabalhadora. Esta é a primeira questão que eles puseram na cabeça, qual seja, a de que o trabalhador da classe trabalhadora tem a função de trabalhar e produzir os bens para alguém acumular e se empoderar.

Como essa versão pode ser alterada?

Conseguimos, por uma crise deles mesmos, ganhar as eleições em 2002. Eles achavam que a gente não governaria, porque não teríamos competência, porque não teríamos condições de governabilidade, porque não tínhamos experiência, porque tínhamos um presidente que não tinha curso superior.

Nós mostramos, exatamente, o inverso. E, aí, nós demonstramos que somos capazes de dirigir e construir uma sociedade mais justa, mais humana. Aí, inverteu-se a lógica dos caras. Eles pensaram da seguinte maneira: "Já que não retornaremos ao poder pela democracia, vamos golpear esse povo e essas lideranças populares."

Isso é o que estamos vivendo neste momento histórico do nosso povo. Tal ideia exige cada vez mais a nossa mobilização, o que exige cada vez mais o nosso enfrentamento político, o que exige mais aliança entre nós, porque nós somos importantes. Nós, como segmento camponês, somos importantes. O MST é importante, pois é uma das forças mais importantes do movimento agrário camponês deste país. Mas somos, ainda, insuficientes para derrotar a direita, para derrotar os nossos golpistas. Portanto precisamos fazer alianças.

Bem, aqui, talvez, eu tenha me explicitado mais por opiniões políticas pessoais.

E, para concluir, em nome do governo do estado, tenho certeza de que o nosso governo do estado tem compromisso com os trabalhadores e com o povo em geral, pois ele está comprometido, sem dúvida alguma, com a luta de redemocratização do nosso país, está comprometido em interromper este golpe político midiático e jurídico que estamos vivendo neste momento histórico.

E o governo do estado tem demonstrado isso nas suas movimentações, tem demonstrado isso publicamente, tem ido fazer a visita ao nosso líder principal, o nosso e próximo presidente da República.

Espero que o povo assim marche para que a gente, de fato, restabeleça a democracia. Com a democracia restabelecida plenamente, ninguém tem dúvida de que nós reconduziremos o nosso presidente Lula, grande líder mandatário deste país.

Eu desejo a vocês que este dia simbólico seja um momento de reflexão para que a gente, cada vez mais, nos apropriemos das nossas organizações e construamos um país mais democrático e mais humano para todos.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Dando sequência à sessão, quero registrar as presenças de: Tião, coordenador estadual do MST; Uelton, coordenador da região do Recôncavo, incluindo a metropolitana; do presidente do Partido dos Trabalhadores de Salvador, nosso companheiro e ex-vereador Gilmar Santiago; Davi Bacelar, do Sindipetro.

Neste momento, vamos abrir algumas inscrições. Eu queria pedir licença ao MST para dar a primeira inscrição a Davi, porque estamos enfrentando uma outra frente de luta no estado da Bahia como extensão do desmonte que o governo golpista do Temer tem contra o Nordeste, que é sucatear a Petrobras para colocar como mercadoria barata para o interesse do capital internacional e quer desativar a Petrobras na Bahia, e começa exatamente pela Fafen, que inclui Bahia e Sergipe, fechando as duas unidades da Fafen na Bahia e Sergipe, e isso traz um rebate muito forte para o homem e a mulher do campo, porque é o Brasil deixando de estar produzindo insumo agrícola, fertilizantes em especial e, conseqüentemente, expondo os nossos produtores à mercê dos produtos internacionais e produzidos fora do país, e isso, sem dúvida nenhuma, rebate contra a economia do nosso estado e do nosso Nordeste, Bahia e Sergipe, mas também depõe diretamente com os agricultores e, especialmente, os pequenos e médios agricultores do nosso estado.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Queria aproveitar para, Deyvid (...) (Palmas) continua franqueada a palavra se alguém mais quiser também dar uma contribuição.

O Sr. DEYVID BACELAR:- Bom dia às companheira e aos companheiros do MST que aqui estão presentes; gostaria de saudar a Mesa Diretora em nome do nosso companheiro, deputado Bira Corôa, saudar o Bujão, o Tássio, o companheiro Marivaldo, a nossa companheira Deja, também do MST e a companheira Itana do Levante Popular da Juventude, Tião, que está ali, já foi citado. Estamos aí juntos, os petroleiros e as petroleiras juntos com os trabalhadores sem-terra dentro dessa resistência que precisamos ter, infelizmente, nessa conjuntura tão adversa. Diversas ações estão sendo feitas em conjunto, porque vários são os atos que temos feito,

principalmente nesse momento em que nós sofremos um golpe de estado no nosso país e o golpe é intensificado.

Parabenizar pela iniciativa, deputado, dessa sessão, sessão extremamente necessária, lembrar desses 22 anos do massacre de Eldorado dos Carajás é de suma importância, porque desde lá, infelizmente, são muitos os militantes, as militantes, não somente trabalhadores e trabalhadoras sem-terra, mas trabalhadores e trabalhadoras da esquerda do nosso país que estão sendo trucidados por essa direita e, infelizmente, nesses dois últimos anos nós temos aí uma ampliação do número de mortos e mortas pela direita, por essa elite do nosso país que não quer, em hipótese alguma, que nós voltemos ao poder.

Nós temos uma parceria forte da FUP, a Federação única dos Petroleiros e Petroleira, com o MST, e estamos juntos, mais uma vez, não somente em defesa do sistema Petrobras, como aqui o deputado colocou, estamos aí passando por momentos difíceis, momentos em que esse governo ilegítimo e golpista tenta aí privatizar todo o sistema Petrobras vendendo diversos ativos, literalmente, a preço de banana, e aqui, como citou o deputado Bira Corôa, temos aí, recentemente, uma luta que fizemos para manutenção da fábrica de fertilizantes e nitrogenados, não somente aqui na Bahia, mas também em Sergipe, e conseguimos postergar esse fechamento para o processo eleitoral.

Os golpistas sabem muito bem que não conseguirão fazer com que a privatização do sistema Petrobras ele ocorra principalmente neste ano. Eles sabem que precisarão ganhar as eleições para que esse processo se aprofunde. Então, lutas estão sendo feitas nesse sentido, mas como aqui já foi dito, precisamos entender claramente que nós precisamos disputar essas eleições, ganhar essas eleições, e ganhar essas eleições em 2018, cada companheiro e companheira que está aqui sabe muito bem, é ganhar com o nosso companheiro Luís Inácio Lula da Silva mais uma vez sendo candidato e mais uma vez sendo presidente do Brasil.

Nesse ano de 2018, tivemos duas perdas significativas. Uma, diretamente ligada aqui ao MST, do nosso companheiro Marquinho, infelizmente, morto e sabemos que sim, os motivos estão relacionados a sua atuação lá no campo e, também, na sua atuação na cidade. Infelizmente, o companheiro foi morto, vitimado por essa violência que assola os movimentos sociais e mais recentemente, de uma companheira valorosa ali no Rio de Janeiro, a companheira Marielle, vereadora pelo PSOL naquela cidade.

São negros, negras, homens, mulheres, pessoas que militam pela melhoria do nosso país, que estão sendo mortos, companheiros e companheiras. E nós não podemos aceitar isso de forma alguma de cabeça baixa, ou aceitando isso tranquilamente, em hipótese alguma. Nós sabemos muito bem que amanhã, por exemplo, temos mais um dia de luta, dia 17 de abril, onde trazemos à memória o

massacre de Eldorado de Carajás, e tanto à frente o Brasil Popular, quanto à frente Povo sem Medo chamam atos em todo o país, principalmente direcionados a essa mídia hegemônica e golpista que, a todo instante, tenta nos descaracterizar e nos criminalizar.

Todo mundo aqui sabe muito bem, por exemplo, o que faz a *Rede Globo.com* o movimento sindical e com o MST, em especial, criminalizando cada um e cada uma de nós. E nós não podemos aceitar isso, em hipótese alguma. Amanhã é mais um dia de luta, um dia de luta que se une a um calendário que está posto aí para que possamos pressionar esse judiciário que participou do golpe, a estar libertando o nosso presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Lula livre, eu sou Lula, nós somos Lula. (palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):-Aproveito para agradecer, aproveito também para registrar a presença do presidente do PT de Teodoro Sampaio, companheiro Inocêncio aqui presente.

Continua franqueada a palavra. Se mais alguém quiser contribuir. (pausa) Tião, companheiro, Tião, coordenador estadual do MST.

O Sr. SEBASTIÃO LOPES:- Bom dia a todos e todas. Já deixamos aqui a nossa saudação especial à Mesa, na pessoa do nosso deputado Bira.

Vou utilizar a palavra aqui breve, e no mesmo tom das palavras que os companheiros utilizaram, para fazer uma denúncia, porque esse mês de abril, como todos sabem, estamos em luta, e a classe trabalhadora luta por reivindicar dias melhores e ao reivindicar dias melhores, nós mexemos com o sistema. A nossa luta incomoda o sistema, a nossa luta inquieta aqueles que pregam uma ordem, aqueles que querem e defendem um suposto progresso que não atende a classe trabalhadora.

E a nossa luta, nada mais é, do que uma luta por distribuição de renda, uma luta por igualdade social. Uma luta por uma vida digna, uma luta por uma criança poder ter o direito de ir à escola. Uma luta de um pai de família poder ter as condições de tratar o seu filho, quando está enfermo, uma luta por dias melhores. E, diante dessa luta, o sistema não consegue se manter. O sistema ao concentrar as rendas, ao concentrar as suas riquezas, ele vai gerar cada vez mais desigualdade, ele vai gerar cada vez mais pobreza, ele vai gerar cada vez mais fome. E a classe trabalhadora ao sentir essas mazelas do sistema se posiciona contra. E ao se posicionar contra, ela vai estar afetando diretamente essa ordem e esse progresso que supostamente eles defendem e dizem que atende a classe trabalhadora, mas, na realidade, exclui.

E prova desse incômodo que as nossas ações, que o nosso passo do dia a dia, a nossa forma de caminhar, a nossa forma de ser trabalhador, de ser trabalhadora do campo e da cidade, de ser trabalhador sem-terra, essa nossa forma incomoda.

Aqui, neste momento, nós temos a oportunidade de estarmos sentados aqui dialogando, mas nós sabemos que, nesta Casa, ao estarmos sentados aqui estamos incomodando. Mas nós devemos continuar incomodando porque esse é o nosso papel.

No dia 14, na madrugada de sábado, 150 famílias sem-terra ocuparam um latifúndio que estava há mais de 10 anos improdutivo, um latifúndio de aproximadamente mil hectares próximo a Eunápolis, a uns 14 quilômetros de Eunápolis, sentido Itabela. Um latifúndio que tinha três sedes. As sedes, para a gente mais ou menos imaginar como estava abandonada essa propriedade, as sedes estavam no meio da mata, árvores gigantes tapavam essas sedes. Para se encontrar essas sedes precisou várias incursões para encontrar toda uma estrutura abandonada. Porque o capital é assim, ele quando está tirando lucro de uma região, ele vai construir toda uma estrutura, mas no momento exato em que ele não consegue mais obter lucros, ele abandona toda a estrutura. E ao abandonar a estrutura ele não se importa com as vidas e com as famílias que ali estão e essas famílias ficam à mercê.

Nessa região onde ocupamos essa grande propriedade chamada Fazenda Aliança que outrora foi uma fazenda produtora de café e, posteriormente, uma fazenda produtora de cacau, hoje em dia o cacau está todo tomado pela mata e cheio de vassoura-de-bruxa. Mas a família trabalhadora lá com menos de seis meses colocará esse cacau para produzir novamente.

E interessante. é que sábado a ocupação foi pela madrugada. Com menos de três horas já estava o acampamento sendo invadido pela Hilux de um dos filhos dos fazendeiros da região que chegou ameaçando as famílias e até citando o nome de Márcio, dizendo que o exemplo dele poderia seguir a nossa sina.

Mas para nós isso não foi ameaça, não foi motivo de nos amedrontar porque nós queremos seguir o exemplo de Márcio Matos. Márcio Matos nos inspira e é por ele que nós lutamos. (Palmas)

Ao sair dali, esse petulante jovem filho de fazendeiro com a sua Hilux que quase atropelou as crianças que estavam no pátio naquele momento brincando de ciranda, momentos depois, esse mesmo fazendeiro fez uma denúncia infundada dizendo que ladrões armados teriam entrado na fazenda. E aí, então, a polícia tem que cumprir seu papel quando há uma denúncia dessa. E a Rondesp chegou lá. Mas, ao chegar, existe uma coisa que - mesmo incomodando nesses 30 anos de história - nós construímos, que é o respeito por essa bandeira. E, ao chegar e ver essa bandeira hasteada, ela já mudou o discurso e disse: “Não, nós recebemos uma denúncia, mas, ao ver essa bandeira hasteada aí e vocês com os bonés do movimento, nós sabemos que é uma luta social. Então, já não cabe mais a nós, polícia, fazer nenhuma

interferência, agora é entre o estado, o Incra e o proprietário da fazenda. Se há despejo ou não, aí vai ser depois, nós já nos retiramos.” Eles respeitaram a bandeira.

Mas, posteriormente, os fazendeiros... E é incrível como os nossos passos incomodam o capital. E devemos seguir incomodando sem medo de sermos felizes. Posteriormente, já nesse mesmo dia, pela tarde, chega, então, um dos supostos administradores da fazenda improdutiva, com a sede abandonada, cacau tomado, o pasto que tinha, hoje é capoeira. Chega com homens armados que se posicionam e cercam o acampamento. Isso foi ontem. Se quiserem, jogamos as fotos aí, agora, para verem, homens armados com rifles. E se situam em localizações específicas do acampamento e, então, dois deles vêm ameaçar e querer dar um despejo à força nas famílias. Mas nós, como estamos acostumados a andar e a marchar sem medo, também não saímos e lá estamos acampados.

Mas fica a denúncia, porque as ameaças são constantes. Então, nós estamos acampando, denunciando e exigindo democracia nesse país. Mas, ao mesmo tempo, também estamos denunciando as ações desses coronéis que ali se situam em toda a Bahia. Mas tem regiões da Bahia que são mais fortes e que têm essas práticas de pistolagem. E assim aconteceu. E essas famílias estão lá acampadas, 150 famílias. E que, hoje, o trator já entra naquela capoeira para arar e para produzir alimento. Então, daqui a três, quatro meses, certamente, as comunidades ali vizinhas terão alimento. (Palmas) Para reiterar, nessa mesma região, as famílias sem-terra, ao fazerem o trabalho de base para convocar, nessa mesma região, nós encontramos famílias, – olha que estamos no século XXI e com todo um avanço tecnológico – ali, próximas a essas grandes propriedades sem produzir, famílias em condições de trabalho escravo. Famílias de cinco, seis, dez pessoas, onde, nada mais, uma era com carteira assinada, onde, nada mais, recebia um salário, e as outras todas ali trabalhando sem receber. Salvamos uma jovem de 26 anos que estava com anemia profunda, com o corpo todo inchado e que, se não retirássemos dali para levar para o hospital, teria falecido. Uma jovem que tem quatro filhos e que, hoje, está lá no acampamento ajudando a construir.

Então, o trabalho do movimento é esse, é lutar por igualdade social, é lutar pela construção de uma vida melhor. Que isso incomode o capital, não nos importa, ao contrário, nos dá mais força para seguir incomodando. Porque nossa tarefa e o nosso papel é lutar por uma vida mais digna.

Para finalizar, quero dizer que a nossa ideia é como o nosso companheiro Lula disse: “A partir de hoje João, Maria, Zezinho, todos vocês são Lula”. Ele quis dizer ali nada mais que isso, que a nossa ideia não pode ser presa simplesmente aprisionando uma pessoa, um físico. A nossa ideia está permeada em nossos passos, em nossas lutas. E lutar por Lula é lutar por uma sociedade mais justa, mais digna.

É nesse sentido que a gente reafirma uma vez mais que não vamos deixar de caminhar e marchar por uma sociedade democrática e pela construção de uma democracia popular. Não essa democracia burguesa que defende essa ordem e esse progresso que está aí.

E Lula vale a luta! (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Obrigado, companheiro.

Eu queria me colocar aqui à disposição dos companheiros do MST. Amanhã, na reunião da Comissão da Promoção da Igualdade, vou tentar aprovar uma ida da comissão à fazenda como uma forma de contribuição, apoio e acompanhamento. Se a gente não conseguir aprovar na comissão, eu irei lá na condição de parlamentar. Aprovando na comissão, vou representando uma instância desta Casa, que tem um poder de ação maior.

Mas me coloco à disposição da luta dos companheiros e das companheiras que lá estão assentados. Nós conhecemos muito bem a história da disputa da terra no estado como um todo, sobretudo a forma violenta como ela se dá no Sul e, principalmente, no Extremo Sul.

Então, a gente está aí à disposição.

Não havendo mais pessoas inscritas, vou encerrar este ato. Antes disso, queria agradecer mais uma vez ao MST pela contribuição – nestes 30 e poucos anos de Bahia e 35 anos de Brasil – social, política, ideológica e econômica que tem dado ao país e, em especial, ao nosso estado no que tange à revolução na apropriação das terras, na luta pela reforma agrária, na experiência vivida e demonstrada na transformação de realidades e de condições de vida.

Eu sou uma testemunha desse processo, porque acompanho a luta do MST. Mesmo não sendo do MST diretamente, mas dou o meu testemunho de quantos meninos, de quantas meninas e até de quantos de mais idade ingressaram na luta e tiveram a experiência de resistir debaixo de uma lona. Hoje, são doutores, são formadores de opinião. Hoje, estão qualificados para o debate, para a discussão e para a formulação de programas e projetos em busca de uma condição de vida melhor para o povo baiano e para o povo brasileiro.

Então, eu não poderia deixar de agradecer, porque a resistência do MST nos remeteu a um processo e a um pilar de sustentação da luta popular no Brasil.

Eu milito politicamente desde os meus 13 anos de idade. Tive a oportunidade de militar clandestinamente, durante a ditadura militar, no MR-8. Ingressei em várias frentes de luta, em vários movimentos populares, ambientalistas e sindicalista. Sou também da luta sindical.

Na minha condição de professor – sou educador –, pude testemunhar essa transformação, essa revolução e posso dar o testemunho das grandes experiências produtivas que o MST tem produzido para a Bahia e para o Brasil. Posso citar aqui várias, mais o Terra Vista entra sempre num cenário importante de destaque, porque não é apenas a produção do campo, é também a qualificação. É exatamente o compromisso, o respeito que o MST tem pela luta e também pela valorização dessa luta a partir de promover a apropriação de conhecimentos a todos os militantes. Então, queria agradecer ao MST e dizer da minha felicidade, da minha satisfação e do meu orgulho – não gosto muito de usar essa palavra – de ter sido escolhido pelo MST para produzir nesta Casa a terceira edição da celebração de Eldorado dos Carajás. Não estamos aqui comemorando a morte dos companheiros, mas para que quem está na luta tenha consciência de que quando morre um herói, quando morre um militante por uma causa, é para que essa causa continue viva.

Então, os 19 companheiros que tombaram em Eldorado dos Carajás são a fortaleza para que a gente continue resistindo nas nossas propostas de luta e na afirmação das nossas conquistas. Essa fortaleza é também para que o companheiro que mais recente tombou, o companheiro Marcinho – como carinhosamente era tratado por todos e todas –, não seja apenas uma referência de alguém que se foi. Ele tem de ser lembrado como alguém que, quando esteve aqui, nos deu força, coragem, disposição de luta. E a sua ausência física não é suficiente para apagar o nosso compromisso e a nossa responsabilidade para a continuidade da luta.

A prisão do companheiro Luiz Inácio Lula da Silva... reafirmo, do companheiro Luiz Inácio Lula da Silva, porque só nós que somos oriundos dos movimentos populares compreendemos e temos a capacidade de ter Luiz Inácio Lula da Silva – que foi o melhor presidente que já conduziu este país – como companheiro. Aquele nordestino retirante, até chamado de analfabeto, que foi capaz de revolucionar a história deste país, mudando as páginas da nossa história, nos incluindo na história. Éramos despercebidos, mas Lula nos permitiu conduzir os nossos caminhos, alimentando e lutando pelos nossos sonhos, a partir de conquistas. E hoje ele está na condição de condenado sem prova. Como aqui já foi dito por todos, ele está preso sem motivo algum. E posso até dizer, preso por estar lutando por todos nós. E não será a condição de estar no cárcere, na perspectiva de afastá-lo da sociedade e da disputa eleitoral no pleito de outubro, que irá abater as nossas lutas. Isso não irá permitir que essa elite burguesa possa implementar um programa perverso de domínio e de retirada dos direitos dos trabalhadores e da sociedade civil brasileira.

Quero apenas dizer, com muita satisfação, que estou realizando mais este ato com muita gratidão ao MST. E através do MST saúdo todos os movimentos sociais que têm feito a resistência e conduzido as nossas bandeiras de luta.

Reafirmo que o nosso compromisso – além de manter o MST vivo, de garantir vida longa ao MST – é garantir que Lula seja solto e possa disputar as eleições. Porque é a partir de Lula que iremos reconstruir esse processo, botando um ponto final na movimentação e na estratégia da elite burguesa de nos colocar de novo na condição de inexpressividade ou de não percebidos.

Nós somos cidadãos brasileiros e cidadãs brasileiras, nós fazemos parte da construção deste País. Na verdade, historicamente fomos nós que construímos este País. Não podemos estar na condição de criminalizados pelo interesse de um lado podre do Judiciário brasileiro, por uma parcela da Polícia Federal, no cumprimento das obrigações que têm com a elite burguesa e com o capital internacional.

Temos percebido as manobras que estão sendo feitas agora. Eles não estão suportando a presença nossa ocupando Curitiba e dizendo que queremos Lula livre. Agora, estão manipulando na perspectiva de tirar Lula da sede da Polícia Federal de Curitiba para transferi-lo para um cárcere do Exército.

E nós sabemos o que é isso: é a retomada da ditadura militar, pois foi nos porões da ditadura do Exército onde muitos companheiros nossos foram assassinados, desaparecidos e torturados. Não iremos permitir isso!

Iremos invadir Curitiba, tocar fogo se necessário – na forma expressiva de dizer –, porque temos de sacudir este País para dizer que o povo brasileiro não aceita a prisão injusta de Luiz Inácio da Silva, que o povo brasileiro quer a presença de Luiz Inácio Lula da Silva nas ruas deste País, no enfrentamento eleitoral.

Se eles querem de fato respeitar a vontade do povo brasileiro, que tomem coragem e venham para a disputa eleitoral, venham competir em igual condição com Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições.

Que não façam o que fez o menino aqui de Salvador, que ensaiou a possibilidade de disputar com o governador Rui Costa. Na hora de tomar a posição de homem, o menino mostrou que não era crescido, que não tinha coragem ou não tinha compromisso e jogou praticamente a toalha. Mostrou que é um menino que nunca pegou um ônibus, um menino que nunca passou fome, que nunca viveu dificuldades, que não sabe o que é chegar à noite num bairro periférico, um menino que não sabe o que é uma dor de dente, que não conhece o cabo de uma enxada, de um facão ou de uma estroenga. Esse menino não tem qualidade alguma para enfrentar uma disputa numa sociedade desigual como a do estado da Bahia e, consequentemente, representar ou liderar um projeto político transformador. E isso o levou à desistência.

Já no plano federal, conscientes de que não têm a capacidade de derrotar o povo brasileiro nas urnas, eles tentam derrotá-lo num verdadeiro tapetão de um golpe ou da extensão de um golpe.

Queria encerrar este ato de hoje pedindo a todos que batam palmas muito fortes para darmos força àquele que por nós está lá, na condição de preso, que é Luiz Inácio Lula da Silva. (Palmas.)

Lula livre!

(Todos gritam: Lula livre! Lula livre!)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Não havendo mais nenhuma inscrição, em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, das Sr.^{as} e dos Srs. Deputados, da imprensa, do movimento que referenda o dia de hoje, o MST. Em nome de todas e de todos quero dar por encerrada esta sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.